

NOTAS

(1) Levo em conta, na tradução, as sugestões de BROWN, R. E., no seu grande comentário das cartas de João, "The Epistles of John", Col. Anchor Bible, Doubleday, N. York, 1982, pp. 293-328. Além de BROWN, consulte também os seguintes comentadores, que, quando citados, o serão só pelo sobrenome e número da página:

SCHNACKENBURG, R., "Cartas de San Juan", Barcelona, Edit. Herder, 1980, trad. do original alemão de 1974, 5ª ed.

STOTT, J. R. W., "I, II e III João", Introd. e Comentário, Série Cultura Bíblica, Ed. Vida Nova e Mundo Cristão, SP, 1982, trad. do original inglês de 1964.

ZEVINI, G., "uma comunidade que ama — As três cartas de João às igrejas da Ásia", Edit. Salesiana D. Bosco, SP, 1987, trad. do original italiano.

CHAMPLIN, R. N., "O Novo Testamento interpretado versículo por versículo", vol. VI, Distribuidora Milenium, SP, 1982.

AGOSTINHO (Santo), "Comentário da 1ª Epístola de S. João", Ed. Paulinas, SP, 1989 (trad. do original latino).

(2) Etimologicamente, como observa STOTT 84, "teknia salienta a associação natural entre a criança e seu pai (de tekein, gerar ou procriar), ao passo que paidia se refere à menoridade da criança como alguém sob disciplina (de paiduein, adestrar, castigar)".

(3) Cit. em CHAMPLIN, R. N., 240.

(4) Assim BROWN 298 sintetiza o pensamento de AGOSTINHO.

(5) BROWN 299 faz interessante observação: "Como os episkopoi eventualmente tornaram-se distintos dos presbyteroi e superiores a eles, nos escritos de Inácio de Antioquia (primeira década do século II), assim também os diakonoi parecem ter-se tornado distintos dos neoterói e também superiores a eles, como se vê na carta de Policarpo aos filipenses (5, 3), na metade do século II".

(6) Pexer é o midrax que atualiza o texto profético. Cf. BROWN 299, que cita 1Qpab 12, 4-5.

(7) Única exceção, quanto me consta, em português, é a TEB (= Tradução Ecumênica da Bíblia, ed. Loyola, SP, 1987, trad. do original francês de 1972), além de exegetas recentes como BROWN, SCHNACKENBURG, BOISMARD, BONSIIVEN, MALATESTA, RIVERA etc, cf. BROWN 300-301.

(8) BROWN, R. E., "A Comunidade do Discípulo Amado", Ed. Paulinas, 1984, trad. do original americano de 1979, com o seguinte expressivo subtítulo: "A vida, amores e ódios de uma igreja particular na época do Novo Testamento". Ver a breve recensão escrita por ANDERSON, Ana Flora, em "Estudos Bíblicos" n. 2, Vozes 1984, p. 79-80.

(9) O subjuntivo do presente, no texto original, poderia implicar sobretudo "o progresso na fé entre aqueles que já pertencem à comunidade dos que crêem; mas uma intenção missionária é também possível", como o lembra a Nota da TEB (já cit. acima) a este versículo.

(10) Sirva como exemplo o mito do Lógos, a Palavra, que se faz "carne", assumindo a condição humana e tornando-se a pessoa histórica de Jesus de Nazaré (cf. Jo 1, 14).

(11) Cf. a contracapa do cit. livro de BROWN, R. E., "A Comunidade do Discípulo Amado".

(12) Curiosa transformação desse texto lemos na tradução dos Setenta, que menciona a sabedoria, e não a força, como o "ornato" dos jovens.

(13) Notar que, dos três Sinóticos, só Mt, nos vv. 20 e 22, refere-se

ao personagem como "jovem (gr. neanískos), enquanto Mc e Lc, nos textos paralelos (Mc 10, 17-22 e Lc 18, 18-23), não lhe atribuem essa característica de juventude. E até o fazem dizer a Jesus: "Tudo isto observei desde a minha mocidade", supondo, pois, um personagem adulto, que Lc 18, 18 qualifica de "homem de posição", gr. árchôn.

(14) Sobre a submissão mútua, entre cristãos, cf. minhas observações à "submissão da mulher nas cartas paulinas posteriores", in PEREIRA, N. B., "A mulher em Paulo", art. em "Encontros Teológicos" n. 8 (1990/L), p. 7-8.

(15) Talvez a etimologia nos revelasse algo da palavra "jovem", do lat. júvenis, mas não encontrei mais do que o próprio vocábulo júvenis e seus cognatos como o adj. juvenilis, juvenil; juvenalia, festas romanas da mocidade, especialmente o juvenális dies, acrescentado por Calígula às Saturnales; juvenculus, juvenzinho; juvenita, mocidade etc (Cf. QUI-CHEMAT/SARAIVA, "Novíssimo Dicionário Latino-Português", Livr. Garnier, Rio de Janeiro/Paris, 1927).

(16) Cf. o Apêndice II do já cit. livro de BROWN, R. E., "A Comunidade do Discípulo Amado", p. 193-209: "Papéis de mulheres no quarto evangelho".

(17) Esta tríplice característica do "mundo", sem ser exaustiva, não deixa de ser significativa ainda hoje, podendo ser expressa por outras tríades equivalentes: o prazer, o ter, o poder... ou o pan-sexualismo, o materialismo, o secularismo... quem sabe, representados ideologicamente por FREUD, MARX, NIETZSCHE.

(18) Como o explica a Nota da Bíblia de Jerusalém, pode tratar-se tanto do ensinamento prático de Jesus como da reta doutrina cristológica a seu respeito. Pelo contexto, também da primeira carta, a segunda acepção é a mais provável.

(19) BROWN 322 pensa que "a palavra de Deus" aqui é o mandamento do amor fraterno, "palavra" por excelência na comunidade joânica, ouvida desde o princípio (cf 2,7). Em vista, porém, da argumentação que faço, tenho a impressão de que o alcance cristológico-apocalíptico se impõe.

(20) Não vejo porque a "palavra de Deus", segundo SCHNACKENBURG 160, "não se considera aqui como arma na batalha, como o faz, p. ex. Ef 6, 17b, e sim como força divina que age interiormente...". Penso não ser necessária aqui, como em tantos outros casos, a disjuntiva ou-ou, sendo perfeitamente possível a conjuntiva: arma exterior e, também, força interior.

(21) Como uma só vez em Lc 11, 22 e nunca em Mt ou Mc, e apenas duas vezes nas cartas de Paulo: só em Rm 3, 4 e 12, 21.

(22) A propósito, notar a evolução da tradição evangélica que faz Jesus chamar de "Satanás" não Judas mas Pedro, quando este se opõe ao caminho da Cruz em Mc 8, 33 e seu paralelo Mt 16, 23. A passagem sinótica em Lc já omite esta censura a Pedro (apresentando-a, transformada, em Lc 22, 31-32), enquanto em Jo 6, 70 o "Diabo" é Judas.

(23) Tanto em Jo 17, 15 como em Mt 6, 13 costuma-se traduzir de maneira impessoal: "que os preserves do mal; livra-nos do mal", quando é mais provável que se trate também aí do agente pessoal do mal, o "Maligno", como o gênero masculino da expressão na IJo 2, 13b e 14c o afirma sem equívoco: "vocês venceram o Maligno" (gr. tón ponêrón).

Endereço do autor:

ITESC — Caixa Postal 5.041
88041 — FLORIANÓPOLIS, SC

PASTORAL DA JUVENTUDE REGIONAL SUL IV

Histórico e Organização

Antonio Carlos Frutuoso
Coordenador Regional da PJ em SC

Introdução

O ano de 1992 será de grande expressão para a juventude catarinense, em especial para nós da Pastoral da Juventude. Estaremos celebrando e refletindo, como toda a igreja, a temática da Juventude na Campanha da Fraternidade; e comemorando os nossos 10 anos de organização no Estado.

Uma Pastoral articulada e organizada a nível de Estado

Em 1982 em Lages, algumas pessoas deram o passo inicial para esta organização. Queriam elas: consolidar uma estrutura que viesse dar apoio e incentivo às dioceses, além de linhas comuns de trabalho com a juventude.

Graças a elas; e a muitos outros que as antecederam, é que hoje somos o que somos: uma Pastoral articulada e organizada a nível de Estado, diocese, comarca e paróquia; em sintonia com a igreja de nosso regional e com a Pastoral da Juventude do Brasil.

O marco foi 1982. Antes disso houve muitos que criaram história, e haverá mais uma centena, como nós agora, que faremos valer nosso tempo, em criar na vida dos homens: História.

Antecedentes Históricos

A Pastoral da Juventude viveu ao longo de sua história QUATRO períodos, três deles anteriores a 1982, marcados pela incerteza mas na constante busca de associar as várias experiências, que vinham acontecendo a nível de regional. O quarto período, que é posterior a 1982, é caracterizado pela consolidação do projeto de pastoral da juventude em nosso Estado.

I PERÍODO

Este período é anterior a 1969, e pouco se sabe sobre ele, pela falta de Registros. No Brasil foi a época da ação Católica Geral (1930 a 1950), da ACE — Ação Católica Especializada (1950 a 1964 com a JAC, JEC, JIC, JOC e JUC) e por fim, em eras da ditadura, o rompimento e a crise com a CNBB e a formação da Ação Popular. Em nosso Estado, além de alguns grupos da ACE, principalmente da JEC e JIC, havia ainda com grande força movimentos como: Legionários de Maria e os Jovens Vicentinos. Infelizmente não podemos medir as reais intensidades destes movimentos em Santa Catarina.

II PERÍODO

Neste período, que compreende de 1969 a 1973, consolida-se o estado de Ditadura. Nele toda e qualquer tentativa de organizar o povo em pequenos grupos, estava proibida, e nisso se incluía a juventude.

A Igreja, confusa com todos estes fatos, mais os ocorridos com a ACE, e com sua própria crise (Vaticano II, Medellín), deixa um enorme vazio no trabalho com a juventude. Surgem, então, como única força capaz de organizar a juventude, os *Movimentos de Encontros*.

De forte tendência espiritualista, inspirados nos cursilhos de cristandade, usando de impacto emocional e longe dos problemas sociais, foram eles os únicos a terem uma proposta para a organização da juventude cristã, e através deles surgiu a única forma de se fazer Pastoral: os *Grupos* e os *Movimentos*.

Os Movimentos foram e ainda são de grande força no Estado

Os *Movimentos* foram e ainda são de grande força no Estado, principalmente nas regiões de Florianópolis e Joinville. Movimentos como TLC, Emaús, Caminhada, Focolares, RCC, resistem ao tempo e insistem em fazer uma Pastoral Juvenil desarticulada com a CNBB e com suas diretrizes, e sem condescendência com a PJ do Brasil, do Estado ou das Dioceses. São coordenados por adultos, apelam para a conversão pessoal e se voltam demais para os problemas afetivos, psicológicos e morais. Constituídos de elementos da Classe Média, não optam pela causa do pobre.

Por outro lado os *Grupos* que se formaram nas paróquias,

através dos movimentos de encontros, com sua filosofia "Quanto mais melhor", serviam-se de atividades litúrgicas, catequéticas e assistencialistas e seriam eles precursores dos grupos de base — atual modelo da PJ, ou pelo menos tendiam a ser, mais tarde, embriões de uma Pastoral da Juventude organizada. Tais grupos continuam a existir, em pequeno número, mas muito de sua superestrutura está impregnada nos nossos grupos atuais.

III PERÍODO

Este período, que vai de 1973 a 1982, é fecundo para a formação da PJ em Santa Catarina.

Acontecem durante esta época vários encontros, "puxados" pela coordenação do secretariado Regional de Pastoral, que tentavam juntar as experiências que vinham acontecendo, não de forma sistemática, nas dioceses.

Inspirados pela experiência a nível nacional (1º Encontro Nacional) e pelos documentos de Medellín e do Vaticano II que convocava o jovem a ser "apóstolo do próprio jovem", dá-se início ao processo em maio de 1973 com o ENCONTRO DE RESPONSABILIDADES DE JUVENTUDE para tomada de contato. Sucedem-se outros encontros nesta ordem:

agosto 1974: Levantamento e análise da Realidade;

agosto 1975: Encontro, tendo como ponto de partida a Realidade;

março 1976: Levantamento da realidade familiar e educacional.

Em 1978 é feito um inquérito geral da Pastoral da Juventude. A nível nacional ocorre o 3º Encontro Nacional com excelentes resultados apontando para os princípios da PJ do Brasil:

a) uma PJ organizada: paróquia, comarca, diocese, bloco, Nacional;

b) que parta dos jovens para os jovens;

c) que os atinja em pequenos grupos e por meios específicos;

d) utilizando o método *Ver-Julgar-Agir*.

1979, é ano de *Puebla* e da opção pelos pobres e pelos JOVENS.

Buscava-se criar uma PJ organizada e assumida pelos próprios jovens

Diante disto, ocorre em maio de 1979 um Encontro com os coordenadores e responsáveis pela PJ para refletir justamente sobre *Puebla*. Novo encontro em maio de 1980, quando se tenta criar ações comuns em vista à opção pelos pobres e pela juventude. Finalmente em 1981, também em maio, ocorre o último dessa série de encontros que marcariam este período: dessa vez buscava-se criar uma PJ organizada e assumida pelos próprios jovens.

Nascimento de uma PJ Organizada e Articulada

Podemos chamar como um IV PERÍODO o que compreende os anos de 1982 até os dias atuais.

Em MAIO 1982 — Lages, ocorre a 1ª ASSEMBLÉIA REGIONAL DE PASTORAL DA JUVENTUDE, que foi precedida de um levantamento sócio-político-econômico e da atuação das PJs nesse contexto. A Assembléia contou com representantes de todas as dioceses. Tiraram-se dela três diretrizes para a PJ Regional:

1º) Organizar a PJ em cada diocese;

2º) Assumir a prioridade de PUEBLA na conscientização de uma linha de ação renovadora e transformadora na Igreja e na Sociedade, dando ênfase à formação de líderes;

3ª) Favorecer a criação e articulação de *Pequenos grupos*, principalmente no Meio Popular.

Foi ainda criada uma *EQUIPE REGIONAL*, formada por dois jovens das dioceses mais uma equipe de assessoria.

Em agosto do mesmo ano, alguns assessores, reunidos em Rio do Sul, lançam o projeto "Rio-Sul", que procurou dar linhas de ação e estratégias a fim de fortalecer a articulação. Como linhas gerais saíram: a *Identificação* com os mais pobres, a *organização* de pequenos grupos, a *formação*, procurar criar *Homem e Mulher Novos* e o comprometer-se com a Igreja da *Libertação*.

Depois de 1982, que foi a Assembléia "Marco", já houve outras Sete, que seguem nesta ordem de ano, local e prioridades:

1983 — Tubarão — . Discutir e aprofundar os temas CEBs e PJMP;

. Criar pequenos grupos no Meio Popular;

. Levar o jovem a ser Igreja.

1984 — Rio do Sul — . Apoiar os grupos existentes;

. Assumir a PJ a nível Regional;

. Possibilitar o engajamento nas lutas populares.

Aprofundou-se o tema Igreja — Realidade Popular — Jovem.

1985 — Caçador — Aprofundou-se o tema Igreja-Realidade Popular-Jovem, dedicando tempo para estudo sobre a Constituinte. Foi solicitado às dioceses que liberassem jovens para o trabalho com a juventude.

1986 — Lages — . Levar o jovem à Militância;
. Criar assessoria especializada;
. Acompanhar, formar e articular jovens militantes;
. Criar espaço para discutir sobre a Constituinte.

1987 — Concórdia — . Formação Política;
. Elaboração de materiais;
. Aprimorar a espiritualidade encarnada;
. Nuclear e Articular grupos no meio urbano;

Foi formada uma *Equipe Regional Executiva*, que deveria agilizar as decisões tomadas nas assembleias. Seria um representante de cada diocese, em sua maioria liberados, somada a mais alguns assessores. Além desta equipe formou-se uma outra — *Equipe Regional Ampliada*, com três representantes por diocese mais a equipe Regional de Assessores, com duas reuniões por ano.

Ainda em 1987, é escolhido o nome de Paulo Ferreira para ocupar o cargo de *Liberado Regional*, onde ficou até o final de 1990. Responderia ele pela secretaria e articulação com as dioceses, além de representar a PJ em encontros e reuniões da CNBB e da PJ do Brasil.

1988 — Chapecó — . Formação de Assessores
. Incentivar a organização da PJ por meios específicos (PJE — Past. da Juv. Estudantil, PJR — Past. Juv. Rural, PJU — Pastoral da Juv. Urbana.

Foi escolhido como Objetivo para o Regional:
"Evangelizar o jovem Catarinense, desenvolvendo um processo de educação da fé e formação sociopolítica com senso crítico, para que assuma sua missão transformadora na Igreja e na Sociedade."

1990 — Lages — . Encaminhar as finalidades específicas através de encontros, cursos e seminários
. Preparar e encaminhar a CF/92.

Ocorrem durante este período alguns fatos que marcariam a PJ do Brasil:

1) O ano Internacional da Juventude (1985) promovido pela ONU, fez com que milhares de jovens se reunissem, fizessem caminhadas, encontros e concentrações, e por fim tomassem consciência da realidade da juventude e de seu papel evangelizador.

2) Os sucessivos destaques que a juventude teve e tem em planos nacionais, regionais e nas dioceses. Isto incentiva a formação e articulação de uma PJ verdadeira.

3) O dia nacional da Juventude, promovido pela PJ do Brasil, criado a partir da 6ª Assembléia Nacional (1985), tem levado milhares de jovens a se encontrarem e refletirem os temas propostos. É celebrado sempre em outubro e teve os seguintes temas:

1986 — Constituinte, Terra e Eleições

1987 — Comunidade, Igreja e Constituição

1988 — Eleições, Negro, Índio e Mulher

1989 — Juventude, Cadê a Educação?

1990 — Do nosso suor a riqueza, de quem?

1991 — Latino-Americanos, Por que Não?

4) Estudos da CNBB n° 44 — Pela primeira vez foi criado um texto oficial sobre a PJ do Brasil, com o aval de todo o episcopado brasileiro. Apresentado em 1986 na assembleia dos bispos, a redação foi aprovada e publicada na série Estudos da CNBB. É instrumento de reflexão para assessores, coordenadores e militantes.

Organização Atual

Hoje a Pastoral da Juventude encontra-se organizada com secretarias diocesanas nas 8 dioceses, sendo que 6 delas possuem liberados diocesanos, enquanto outras duas possuem liberado paroquial e comarcal.

Duas Pastorais específicas organizadas, com secretaria e equipes regionais: a PJR e PJE

Existem, já em nosso regional, fruto das sucessivas discussões nas duas últimas assembleias, duas Pastorais específicas organizadas, com secretaria e equipes regionais: a PJR e PJE, além da PU (Pastoral Universitária) que, apesar dos contatos e algumas iniciativas de ambas as partes, não está articulada conosco.

A cada dois anos temos uma Assembléia Regional, que é o órgão máximo da PJ de Santa Catarina.

Intercalada com a Assembléia acontece a reunião Ampliada, onde comparecem representantes das dioceses, mais a equipe executiva. Ela encaminha as decisões e avalia a caminhada da PJ no ano.

Contamos, ainda, com a Equipe Executiva Regional, que, como o próprio nome diz, executa as decisões que são tomadas na Assembléia Regional e na Equipe Ampliada.

Por último, existe a figura do Agente Liberado. Cabe a ele secretariar e assessorar as dioceses, coordenar e representar a PJ em encontros e reuniões, estar presente nas dioceses e nos encontros de juventude.

Ao longo destes anos, temos aprendido com os jovens, a eles temos ensinado. Queremos ser uma organização que sirva à causa da juventude, que viva as alegrias e as tristezas destes, que seja renovação da Igreja e da Sociedade, que mostre o Cristo como sinal e imagem de pessoas novas, empenhadas em construir a Civilização do Amor.

Nota: Texto elaborado a partir de um resumo de relatórios feito por Pe. Jandir Ferrari (ex-Assessor Regional) em 1986.

BIBLIOGRAFIA

- *Relatórios de Encontros da Pastoral da Juventude*
— *História da PJ no Brasil* — Instituto de Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul — Porto Alegre — 1990
— *8º Plano de Pastoral 1990-1994* — CNBB/Regional Sul IV Florianópolis — 1990.

— *Conclusões de Medellín — Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano* — Secretariado Regional Sul III — Editora Metrópole — Porto Alegre — 1968.

— LIBÂNIO, J. B.. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina — Conclusões: PUEBLA* — Edições Loyola — São Paulo — 1979 — 7ª ed.

Endereço do autor:
alc Pastoral da Juventude —
CNBB — Regional Sul IV
Caixa Postal 1.640
88001 — Florianópolis, SC

OS JOVENS E A MORAL

Pe. Orlando Brandes
Professor de Teologia Moral

O presente estudo centraliza-se ao redor de quatro eixos básicos. O primeiro estuda a relação entre a moral dos adultos e a dos jovens num contexto dialético. O segundo capítulo contempla o tema em pauta e as classes sociais, ou seja, a moral da juventude marginalizada e da "juventude dourada". No terceiro estágio estudamos a bela e profunda Carta de João Paulo II aos Jovens e às Jovens do Mundo em comemoração ao Ano Internacional da Juventude (1985). No último capítulo, trazemos alguns pontos importantes no que tange à educação moral e aos jovens.

Num artigo como este, o autor tem uma multiplicidade de opções, pois o assunto dá margem para tanto. Optei não pelo aprofundamento de um tema, o que aliás seria muito louvável, mas preferi oferecer ao leitor um panorama de temas relativos à juventude e a moral.

Gostaria de ter acrescentado um capítulo sobre os "filhos de pais separados", mas faltou espaço. Todavia, aumenta a realidade das separações e com elas este fenômeno social, psicológico e moral dos filhos de pais separados e as novas questões que surgem.

Desde Puebla, a Igreja na América Latina optou pelos jovens. Na realidade, nas opções que se seguiram, os jovens ficaram em segundo plano ou até esquecidos. Agora, com a Campanha da Fraternidade em nível de Brasil, certamente recuperaremos os espaços perdidos e preencheremos a opção feita em Puebla, para que não se diga dos jovens que também eles são "um rebanho sem pastor".

O protesto dos jovens é uma resposta à moral dos adultos

I. OS JOVENS, OS ADULTOS E A MORAL

A) A MORAL DOS JOVENS COMO "RESSONÂNCIA" DA MORAL DOS ADULTOS.

1. O comportamento dos adultos, mormente dos pais, afeta diretamente o comportamento dos jovens, tanto negativa como positivamente. Muitas vezes o protesto dos jovens é uma resposta à moral dos adultos, principalmente quando a consciência jovem é domesticada pela imposição dos mais velhos, criando o fenômeno da "consciência oprimida".

2. A crise moral da juventude se situa na crise moral dos adultos: contestação de valores, injustiças, desemprego, alienação política, desencanto com ideologias, descrença nas instituições.

Esta crise vem dos adultos, dos centros de poder. Uma das respostas dos jovens é a "contra-cultura", a tentativa de criar uma nova maneira de viver, uma nova moral, uma nova proposta de vida.

3. Os jovens são os que mais sofrem com as imoralidades dos adultos; as desavenças e a separação dos pais, o tráfico de narcóticos, a massificação dos mass-mídia, a destruição ecológica, a ameaça armamentista e nuclear, o mercado do lazer. Se o jovem procura uma "ética da satisfação", é porque ele é condicionado pelo mundo ilusório dos adultos. Seu mundo é ressonância da moral dos adultos, e seu "enigma existencial" leva-os a interrogações, suspeitas e indiferença.

4. Quando educar significa proibir, impor, enquadrar, moldar, estamos diante de um fenômeno de coerção, repressão e restrição moral. Abafa-se a criatividade, limita-se a liberdade, e mais que uma educação moral, estamos fazendo, na verdade, uma "colonização", uma "civilização" do pequeno selvagem. Tudo passa a ser moralização. Não resta ao jovem senão optar pela apatia ou pelo protesto, pela indiferença ou pela revolução. Nestas alturas os pais soltam as rédeas e eis a permissividade, o desligamento, o descompromisso, a omissão, que são tão ruins quanto a opressão. Segue-se para o jovem a pior das opções: a "moral do oportunismo". Ser livre agora é ter o poder de fazer o que se quer, é administrar mil possibilidades com uma acumulação de poder que chamamos, equivocadamente, de liberdade.

A mudança da moral dos jovens passa pela mudança dos adultos

A mudança da moral dos jovens passa pela mudança dos adultos. A proposta de uma revolução ética e espiritual da humanidade é uma das grandes esperanças dos homens e mulheres de boa vontade.

B) OS JOVENS ESTÃO MUDANDO A MORAL DOS ADULTOS

1. A maioria dos jovens não aceita mais sujeitar-se a normas e proibições, se não compreendem seu sólido fundamento racional. Hoje não é mais possível dizer: "eu proíbo você de fazer isso. . . Eu obrigo você a fazer aquilo."

2. Os jovens analisam as origens das normas e contestam as incoerências, optando pela liberdade. Esta atitude força os adultos a rever sua moral e analisar seus comportamentos. Tal fato acaba por levar os mesmos adultos a não se sentirem mais culpados como se sentiam diante de determinadas experiências, e os leva até a imitar os jovens, vivendo hoje o que lhes foi